

Sobre a onipotência do paciente e a impotência do analista. Considerações ferenczianas

Paula Regina Peron

Falar sobre onipotência e depressão é tematizar um campo muito amplo de fenômenos psíquicos que são apresentados a nós, psicanalistas, cotidianamente no trabalho clínico. Com muita onipotência, trago algumas linhas sobre tais fenômenos, esperando dialogar sobre minhas dificuldades clínicas e procuro encontrar reverberações aqui com vocês.

Não sei quantos de vocês assistiram a um documentário sobre Philippe Petit, um equilibrista francês, cuja pretensão de andar sobre um cabo de aço entre as duas torres do extinto World Trade Center, em NY, foi realizada apesar de todas as dificuldades técnicas, legais, etc. Acompanhando o documentário, tem-se a impressão de uma grande onipotência do equilibrista, em seus planos, em suas realizações. No entanto, ela é produtiva. Petit acredita que fará o impossível, ou o absurdamente difícil, e consegue. Aqui, vemos a onipotência de um sonhador empurrar as complexas engrenagens da máquina do desejo de vida.

A onipotência que quero discutir é, ao contrário desta, paralisante. Ela manifesta-se na fala queixosa do paciente que acredita de fato que a existência autônoma de um companheiro, ou companheira, ou filho, etc, é uma afronta às suas necessidades. Há, neste paciente, uma constante frustração derivada da condição de não ter seus desejos atendidos por alguém. E ainda que os argumentos sejam muitas vezes razoáveis e racionalmente bem construídos em alguns casos, estamos perante alguém que fica paralisado em certas expectativas narcísicas, em uma sensação constante de desamparo, imaginariamente estendido a todos os campos da sua circulação afetiva, sem conseguir inventar formas diferentes para enfrentar esta condição. Então, minha pergunta é relativa a esta condição de desamparo – que gozo vitimizado é este, que se livra das responsabilidades da vida como ela é, mas que por vezes sinaliza marcas psíquicas infantis que desenharam uma constante busca pelo adulto que supre e ama? Adulto talvez nunca encontrado e tão fundamental na constituição de um sujeito que deriva prazer em criar, trabalhar e se divertir, como colocava Freud. Mas que, por outro lado, precisa ser abandonado. Freud afirma no texto de 1914 sobre o narcisismo que a

posição ideal que os pais constroem para seu filho não conhece limites ou renúncia e este lugar exigirá combater árduos antes de ser (mesmo parcialmente) abandonado.

O eu queixoso do paraíso perdido esteve lá? Pode ser que sim e isto pode ser muito aprisionador, mas falo aqui de histórias clínicas bastante recheadas, quando reconstruídas, de silêncios e violências, onde os inevitáveis descaminhos do caminho para a vida adulta levaram a lugares áridos. Obviamente não é fácil explorar as raízes da onipotência, suas intensas relações com a proteção narcísica, mas é um campo cuja pesquisa tem sido necessária para o psicanalista das neuroses graves ou da clínica dos estados-limites, como poderíamos debater.

Para falar disto, Ferenczi e sua experiência clínica vêm muito a calhar. Ele é o autor que inclui a dimensão traumática no campo psicanalítico, que fala das dificuldades que a criança enfrenta para sair do estado inicial de onipotência, mas também de como é importante habitá-lo. Trago então contribuições do grande psicanalista húngaro para avançar um pouco em minhas questões. Este é o meu recorte.

Já em 1912, no texto “A figuração simbólica dos princípios do prazer e de realidade no mito de Édipo”, Ferenczi afirma que “Jocasta, no mito de Édipo, quando está “suplicando a Édipo, pelo amor dos deuses, não ir mais adiante em sua indagações”, é a personificação do princípio de prazer que, sem se preocupar com a realidade objetiva, não tem outro propósito senão poupar ao ego todo sentimento penoso, propiciando-lhe o máximo de prazer; e, para conseguir isso, expulsa da consciência, tanto quanto possível, todas as representações e idéias suscetíveis de produzir desprazer”.¹ Aqui a mãe aparece como aquela que poderá exagerar na tentativa de perpetuar o campo da fantasia e do prazer na psique infantil, e também aquela que quer evitar o necessário encontro com a realidade compartilhada com os outros, poupando o ego. A obra de Ferenczi será toda tematizada em torno da presença excessiva ou muito insuficiente do adulto, que de qualquer forma deixará marcas importantes na constituição psíquica do sujeito.

Em 1913, em “O desenvolvimento do sentido de realidade”, Ferenczi postula que a vida psíquica começa no interior do corpo materno (que hoje poderíamos pensar como uma imagem remetendo à célula campo desejante e bebê – a expressão campo desejante, mais vantajosa que mãe, é sugerida pelo prof. Franklin Goldgrub²), e este é o

¹ Sándor FERENCZI, *A figuração simbólica dos princípios do prazer e de realidade no mito de Édipo*, p. 208.

² www.franklingoldgrub.com

chamado período da onipotência incondicional³, que realizaria, na realidade e de modo efetivo, um ideal de submissão única ao prazer onipotente. Ferenczi pergunta-se: o que é a onipotência? É a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar”⁴. E “o primeiro desejo da criança não pode ser outro senão o de se reencontrar nessa situação”⁵. A vida psíquica deste bebê teórico de Ferenczi resume-se a uma sensação de prazer absoluto, sem insatisfação ou qualquer desprazer, já que tem todas as necessidades supridas pela mãe, não chega nem mesmo a desejar. O feto, como descreve Fábio Landa, “está em-si estando no-outro. É um hóspede que se comporta como dono da casa”⁶, completamente submisso ao princípio do prazer. Aqui não há desejo singular, mas também não há diferenciação. Então podemos pensar que o pedido frente à vida, por ser suprido, remete à um retorno à indiferenciação e à onipotência da dupla, pedido queixoso bastante típico da neurose acompanhada pela depressão.

O bebê seria invadido por sensações de desprazer após o nascimento, a necessidade de respirar, por exemplo, que seriam reconhecidas pelas pessoas que cuidam da criança, colocando-a em condições que se aproximam da situação intra-uterina (proteção da luz, do ruído, etc.)⁷, de maneira que o estado de satisfação pode ser alucinado pela criança. O período em que “a criança recém-nascida tenta chegar ao estado de satisfação somente através da violência do desejo (representação), negligenciando (recalcando) simplesmente a realidade insatisfatória para supor presente a satisfação desejada mas ausente; pretende, pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações”, e que temporariamente coincidirá com os cuidados maternos, é chamado *período da onipotência alucinatória mágica*⁸. Aqui temos um bebê amparado, cujas necessidades serão antecipadas pela mãe, ou pelos que desejaram o bebê, permitindo a saída gradual da onipotência.

O desejo satisfeito por aquele que cuida leva a criança a sentir-se na posse de uma força mágica, capaz de concretizar seus desejos mediante a representação de sua satisfação. No texto “Palavras Obscenas”⁹, Ferenczi afirma: “consideramos que toda representação tem por motivação fundamental o desejo de fazer cessar o sofrimento provocado pela frustração, revivendo uma satisfação sentida outrora. No estágio

³ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 42.

⁴ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, p. 42.

⁵ *Ibid.*, p. 43.

⁶ Fábio LANDA, *Ensaio sobre a criação teórica em Psicanálise. De Ferenczi a Nicolas Abraham e Maria Torok*, Ed. Unesp e Fapesp, p. 61.

⁷ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios*, p. 44.

⁸ *Ibid.*

⁹ IDEM, *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência*, p. 112.

primitivo do desenvolvimento psíquico, se a necessidade não é satisfeita na realidade, o aparecimento do desejo acarretará o investimento regressivo da sensação correspondente a uma satisfação experimentada outrora, que será fixada por via alucinatória. A representação será, portanto, considerada em plano igual ao da realidade. É o que Freud designa por “identidade perceptiva”. Somente quando instruída pela amarga experiência da vida é que a criança aprenderá a distinguir a satisfação real da representação devida ao desejo, e a utilizar sua motricidade com pleno conhecimento de causa, quando tiver a certeza de estar diante de objetos reais e não de ilusões produzidas por sua imaginação”. Ainda no mesmo texto, comenta: “que a distinção rigorosa dos objetos representados e dos objetos reais pode ser imperfeita” e que existe “uma tendência do psiquismo para recair no modo de funcionamento primário regressivo”¹⁰, ou seja, o bebê, ao crescer, lutará contra renunciar à sua onipotência. O adulto pode estar preso nos ideais onipotentes, não percebendo a insustentabilidade das ilusões, evitando a frustração, mas também sem sair dela. Trata-se de um adulto que não ascende à desidealização de suas fantasias onipotentes e sente-se desesperado porque ninguém as realiza, e não percebe que assim neutraliza qualquer condição de fazê-lo por si. Está preso no eu ideal perdido.

Aos poucos a realização de desejos se vinculará aos sinais motores do bebê, e assim dá-se gradualmente a gestação do mundo da linguagem. A emissão de sinais motores realiza a percepção da satisfação, graças a uma ajuda externa, da qual a criança não toma conhecimento. Gradualmente, os sinais motores serão progressivamente refinados, resultando daí uma linguagem gestual que tenta confirmar a onipotência da criança para si mesma, daí o nome da fase: *período de onipotência com ajuda de gestos mágicos*¹¹.

A onipotência é progressivamente substituída pela realidade, onde o bebê conhecerá objetos rebeldes à vontade, que não ficam à sua disposição. O bebê descobre que as sensações penosas podem perdurar apesar de suas tentativas mágicas de realização da satisfação. Neste período seguinte, a objetivação do mundo externo ainda não desfaz os vínculos entre o eu e o não-eu e a criança continua a investir o mundo externo com qualidades que descobre em si mesma, qualidades do ego. Este seria o *período animista da apreensão da realidade*¹², onde todas as coisas parecem-lhe

¹⁰ Sándor FERENCZI, *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência*, p. 113.

¹¹ IDEM, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 45.

¹² *Ibid.*, p. 47.

animadas e a criança tenta reencontrar nelas seus próprios órgãos, especialmente as partes do corpo que lhe propiciam a satisfação das pulsões (as zonas erógenas), vendo no mundo reproduções de sua corporalidade¹³. Desta forma, propõe Ferenczi, estabelecem-se as relações simbólicas entre o corpo humano e o mundo dos objetos. Paulatinamente, a linguagem sobrepõe-se aos outros modos de representação pela diversidade de objetos e processos do mundo externo que pode reproduzir e pela simplicidade em fazê-lo, permitindo uma versão “mais econômica e preciosa dos desejos. O ponto culminante é o pensamento abstrato, verbalizado, onde as imagens mnêmicas serão representadas por signos verbais. Essa capacidade de exprimir desejos por signos verbais é adquirida progressivamente, e há etapas caracterizadas pela coexistência da aptidão a um modo mais econômico de pensamento por signos verbais e a persistência de uma tendência para fazer reviver regressivamente as representações. É interessante pensar que quanto mais a onipotência é limitada, desta maneira gradual, mais refinada vai ficando a linguagem da criança, ou seja, ela efetivamente precisará falar o que deseja e neste caminho passa por uma etapa onde é o corpo que realiza isto.

No período seguinte, o sentimento de onipotência é ainda em alguma medida preservado, já que a escassez e simplicidade de pensamentos conscientes e palavras é evidente na criança e o meio empenhado no bem-estar da criança tentará compreendê-la e realizar seus desejos rapidamente, até mesmo antecipá-los, o que caracteriza o *período dos pensamentos e palavras mágicos*¹⁴. Nos adultos, de forma extremamente variável, o sentimento de onipotência cede lugar ao reconhecimento do peso das circunstâncias e ao fato de que os nossos desejos estão condicionados, o que Ferenczi chamará de *estágio científico de reconhecimento do mundo*¹⁵. A cada experiência de limitação da onipotência, ocorre uma situação que instaura novamente a ilusão, mas sem que ocorra uma volta ao estágio anterior. Ao contrário, a criança vai adquirindo, através da linguagem, novos modos de se reassurar de que seus desejos são realizáveis, então avança conforme fracassa.

É importante ressaltar que Ferenczi considera o desenvolvimento do sentido de realidade como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento forçados pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação e “não por tendências espontâneas

¹³ Renato MEZAN, Interfaces da psicanálise, p. 165.

¹⁴ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 49.

¹⁵ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 49.

para a evolução”¹⁶, sendo que ele considera a existência de uma tendência para a inércia ou uma tendência para a regressão dominante na vida orgânica, ao passo que a tendência para a evolução, adaptação dependeriam de estímulos externos. No desenvolvimento da criança, Ferenczi considera que ela passará por uma decepção infligida ao seu sentimento de onipotência, seguida de uma decepção quanto à potência e à benevolência das autoridades superiores (pais, deuses). Elas estão obrigadas a obedecer a poderes que lhe são superiores (os pais aos chefes, ao soberano, a deus); e enfim, “a ilusão da onipotência e da graça divina desaparece totalmente para dar lugar à noção de uma lei que rege os processos naturais com indiferença e constância.”¹⁷.

Ferenczi alerta-nos que “cada etapa transposta ao longo do rude caminho da evolução pode exercer uma influencia decisiva sobre a vida psíquica, criar um ponto vulnerável, um lugar de fixação a que a libido é sempre suscetível de regredir e que será reencontrada, portanto, em certas manifestações da vida posterior”¹⁸. É portanto o desprazer o critério para a separação entre o ego e o mundo exterior, como aponta Mezan¹⁹; a passagem do monismo perceptual ao dualismo implica em uma aceitação da limitação dos poderes da vontade. Essa possibilidade virá através do mecanismo de projeção primitiva: “Quando a criança exclui os “objetos” da massa de suas percepções, até então unitárias, para formar com eles o *mundo externo* e, pela primeira vez, opõe-lhes o “ego” que lhe pertence mais diretamente; quando distingue, pela primeira vez, o *percebido objetivo (Empfindung)* do *vivenciado subjetivo (Gefühl)*, está efetuando, na realidade, a sua primeira operação projetiva, a “projeção primitiva.”²⁰ Neste ponto o mecanismo deixa de ser exclusivamente defensivo, como nos paranóicos, para ganhar estatuto de modelo fundador de um funcionamento segundo o qual o ego pode expulsar para fora uma parte desagradável e passar a diferenciar mundo interno e externo. Nota-se que o ego desloca para os objetos suas sensações de prazer e desprazer, e introjeta o objeto essencialmente no tocante aos sentimentos que tem em relação a ele; há um deslocamento dos prazeres ou desprazeres auto-eróticos para os objetos que os propiciam. Desta maneira, os objetos formam-se no mundo psíquico segundo uma lógica afetiva; o objeto não é apenas um conteúdo cognitivo, mas um conteúdo carregado de sensações e afetos. De fato, o processo participa da própria construção do

¹⁶ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 52.

¹⁷ *Ibid.*, p. 30.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ Renato MEZAN, *Interfaces da psicanálise*, Companhia das letras, 2002, p. 159.

²⁰ Sándor FERENCZI, *O desenvolvimento do sentido de realidade*, p. 85.

ego, o ego passa a diferenciar-se conforme realiza operações introjetivas e projetivas que permitem a passagem dos objetos (suas representações e qualidades psíquicas) do mundo externo para o mundo interno do sujeito.

Sua investigação prossegue no texto de 1926, “O problema da afirmação do desprazer (progressos no conhecimento do sentido de realidade)”: para aparecer uma percepção de objeto, é preciso um desintrincamento pulsional, ou seja, as coisas que nos amam sempre, que satisfazem nossos desejos, delas não tomamos conhecimento. Por outro lado, aquelas que nos foram sempre hostis, recalcamo-las simplesmente. A terceira via é aquela das coisas que “gostamos porque nos dão satisfação e que detestamos porque não nos obedecem em tudo, criamos para elas marcas particulares em nossa vida psíquica, traços mnêmicos aos quais se liga um caráter de objetividade, e rejubilamo-nos quando as reencontramos na realidade, ou seja, quando podemos amá-las de novo”²¹. Ferenczi ilustra isso citando a criança que deseja mamar e pela primeira vez teve que sofrer o desprazer da fome e da sede. Se até então foi apaziguada no momento certo, não sabia da existência de coisas estranhas a ela, como sua mãe, que não precisava reconhecer. Após ter esperado e chorado, ao reencontrar o seio materno, a criança não está mais indiferente a ele, sente por ele amor e ódio; ódio porque foi obrigada a passar sem ele durante algum tempo, amor porque essa privação lhe propiciou uma satisfação ainda mais intensa, e conseqüentemente o seio torna-se uma representação vaga de objeto.

A seguir aponta que existem graus diferentes no desenvolvimento da capacidade de objetividade e propõe:

“o primeiro passo doloroso no sentido do reconhecimento do mundo externo consiste por certo em aperceber-se de que uma parte das “coisas boas” não pertence ao ego e que cumpre distingui-las como “mundo externo” (seio materno). Quase ao mesmo tempo, o ser humano deve aprender que pode produzir-se mesmo em seu interior, portanto, por assim dizer, no próprio ego, algo de desagradável, isto é, de mau, de que lhe é impossível desembaraçar-se por alucinação ou de qualquer outra maneira. Um outro passo é dado quando ele pode suportar uma privação total imposta pelo exterior, ou seja, reconhecer que também existem coisas às quais se deve renunciar em definitivo; como processo paralelo, encontramos o reconhecimento dos desejos recalcados associado a renúncia à sua realização. Como esse reconhecimento, sabemo-lo hoje,

²¹ Sándor FERENCZI, *O problema da afirmação do desprazer*, p. 397.

exige uma parte de Eros, portanto, de amor, o que é inconcebível sem introjeção, ou seja, sem identificação, somos levados a afirmar que o reconhecimento do mundo externo corresponde, de fato, a uma realização parcial do imperativo cristão: “Ama os teus inimigos”. Mas a resistência encontrada pela doutrina psicanalítica das pulsões mostra que a reconciliação com o inimigo interior é para o homem a tarefa mais difícil a cumprir”²².

Entretanto, o paciente deprimido (estou trabalhando aqui com a noção da depressão como um estado psíquico que pode estar presente em diversas organizações psíquicas neuróticas²³) está preso a uma imagem de si, muito onipotente, cuja realização não alcança, e trava batalhas cotidianas com este ‘inimigo’ que é o outro-em-si que não lhe satisfaz. A ausência deste outro só é possível depois deste luto. Aqui precisaríamos desenvolver mais as idéias, mas o objetivo é apenas lançar luz sobre o manejo técnico destes pacientes, de maneira inicial. Outra noção ferenciana vem ao nosso auxílio – a idéia de hospitalidade (cf. Daniel Kuppermann) – a idéia de receber o paciente em sua regressão onipotente e permitir-lhe lentamente questionar este lugar subjetivo, questionar sua eterna insatisfação. Quando este cenário domina a paisagem psíquica, o analista precisa ter muito tato para acompanhar os minúsculos movimentos que o paciente faz para sair da sua paralisia, para reconhecer algum outro que não seja o inimigo que provocou a transformação da depressividade (“a vida psíquica é depressiva no sentido em que garante proteção, equilíbrio e regulação à vida”, diz Fédida²⁴) em estado deprimido, onde a negatividade psíquica (pulsão de morte, destrutividade, culpabilidade, masoquismo originário) domina.

No oposto da hospitalidade está o conluio que o analista faz com a repetição depressivo-masoquista do paciente e tornar-se maníaco-sádico, o que pode se traduzir por uma precipitação no uso da medicação psiquiátrica para suspender a depressão, pelo excesso de interpretações, pelo fornecimento de modelos de conduta e pensamento e por forte ódio e intolerância inconscientes para o tempo necessário para que o paciente consiga reestabelecer algum sentido fora de sua esfera onipotente. É preciso respeitar o ‘tempo que não conta’, na expressão de Paul Valéry. Fédida aponta que a fala do

²² Sándor FERENCZI, *O problema da afirmação do desprazer*, p. 400.

²³ Como vemos em vários textos freudianos: Estudos sobre a histeria (1893 – 1895), Fragmento de uma análise de um caso de histeria (1905 [1901]), Sobre a história de uma neurose infantil (1918 [1914]), Dostoiévski e o parricídio (1928 [1927]), Inibições, sintomas e angústia (1926 [1925]) e Análise terminável e interminável (1937).

²⁴ Dos benefícios da depressão – elogio da psicoterapia. Ed. Escuta, 2002, p. 49.

depressivo precisa visar não somente expressar um sofrimento psíquico, mas permitir-lhe apropriar-se daquilo que ele sente²⁵ – o que é muito semelhante ao movimento infantil de caminhar no sentido da construção da linguagem, conforme vai superando etapas da sua onipotência e dependência e se dando conta daquilo que não mais lhe é oferecido, do desencontro inevitável. Trata-se de acompanhar o paciente em seu movimento de saída do eu ideal e de aproximação de ideais que possam ser efetivos de alguma maneira na vida do sujeito. É preciso apostar com ele na construção de sentidos para o grande vazio lamuriante que se apresenta.

²⁵ Dos benefícios da depressão – elogio da psicoterapia. Ed. Escuta, 2002, p. 49.